

MARIA FRATERNA

## Movimentos sufocados | Março esperso | Raízes traídas

### Movimentos sufocados

Quem sabe de um lugar na vida  
Aqui nesta terra vencida  
Que seja ofício entrincheirado  
No bico de um pássaro a voar  
Sobre o leito de rio conquistado.  
Pudesse ele ser lugar ou mãe,  
E, até um esconderijo invisível.  
Ó meu glorioso mundo moribundo  
Dentro do artifício mais profundo  
Por osculados galhos faz-te fecundo.  
À janela de um poema verde paisagem  
Agarra o céu azul na passagem  
E o desfiar de pétalas de rosas bravas,  
Num movimento seguido e sufocado,  
Com a cadência de dádivas à floresta agreste,  
No ritmo das estações e dos desejos  
Que suavizam as casas em ruínas,  
Redemoinhos de um novo tempo,  
Que não sorve a agonia do inverno,  
Nem eleva as palavras ardentes dos lábios.  
Sim, antes de colapsar o movimento  
E a luz que ilumina o pão

Num misto louvor de erguer de mãos  
 E de pés descalços a afagar o solo  
 A pedir um destino onírico de vida  
 Onde se possa engomar os versos  
 Porque se entranharam no movimento  
 Como pedras sufocadas no chão.

### **Março esperso**

Quando o pensamento  
 Resolve ter frio  
 Também a paisagem muda e morre  
 Como se a terra deixasse  
 De marcar o dia  
 E ficasse sempre noite  
 Com o sangue do céu crepuscular  
 Na última flor do canteiro  
 Que espera e morre  
 Sem primavera.

À porta do criador  
 Há nuvens tingidas de laranja  
 Vindas das tempestades oriundas do deserto  
 Ele limpa as águas pousadas  
 Do março esperso  
 Como um poeta moribundo  
 Que em êxtase mais-quer outro tempo  
 Fora dos dias e das horas feridas  
 Sem o som ronco das sirenes  
 Nos cânticos dominadores dos homens.  
 Cruzados nos passos de um bailado  
 Que sangram matizando toda a esperança.

E se é esperso o março  
 Marcam-se novas fronteiras de destino,  
 Neste mundo que se transfigura  
 Pintando-se no derramamento do sangue

Hoje, que o viver é um desespero,  
Amanhã, que o sonho não vale nada.  
Na vida que é de março  
Por aqui estamos perdidos e sós,  
Nas areias vindas do deserto.

### **Raízes traídas**

A minha cidade  
Esquiva-se de mim  
Sinto-a distante  
Com o passar dos anos  
Ouço estampidos na cabeça  
Sinto-a sem razão na minha memória  
Desviou-me de ser feliz  
Tem voz nas pegadas  
Não vigia quem dorme ao relento  
Alberga mistérios e ninhos  
Nos vetustos encantos do chão  
E ninguém se importa com o betão  
Dentro do cerco, do muro, e da torre  
Tem instintos ásperos e saqueados  
A pulsar poeira na peneira da eira  
Grávida nas noites gera timidez  
E veste-se de rio no círculo das águas  
Teimosa vibra a calcetar o desassossego  
Em vão não quer o silêncio  
Devagar semeia a inigualável dor  
Nos que quer inteiramente vencidos  
Acorrenta tantos corações sentidos  
Como se esquecesse quem trabalha  
E acalentasse o dormir e o partir  
Do destino quebrado nas garbosas espumas  
Contidas nas raízes traídas.

## NOTA BIOGRÁFICA

Maria Fraterna, pseudónimo de Maria de Fátima Carvalho da Silva Cardoso, nasceu em V. N. de Famalição, a 13 de março de 1959. Licenciou-se em Direito, trabalha como jurista. Publicou, os livros de poesia *No Assédio do tempo* (2020) e *De Dentro para Fora* (2022). É coautora em várias coletâneas e antologias poéticas. Foi agraciada com os seguintes prémios: 1.º Prémio Literário Ser Mulher (2019) e Prémio Prosa na Fuzeta (2020).